



As cores do 25 de Abril na literatura para a infância 40 anos depois da Revolução

The colors of the 25th April in Children's literature 40 years after the Revolution

Ana Margarida Ramos

Departamento de Línguas e Culturas | CIDTFF – Universidade de Aveiro

PALAVRAS-CHAVE: LITERATURA PARA A INFÂNCIA, 25 DE ABRIL, REVOLUÇÃO, HISTÓRIA, MEMÓRIA, LIBERDADE.

KEYWORDS: CHILDREN'S LITERATURE, 25TH APRIL, REVOLUTION, HISTORY, MEMORY, FREEDOM.

1. INTRODUÇÃO

No seguimento de estudos anteriores que dedicamos ao tema das representações da Revolução de Abril na literatura para a infância e a juventude (LIJ) (Ramos, 2008a, 2008b, 2009, e 2010), complementados por um dossiê construído para o projeto Casa da Leitura (Ramos, 2007a, 2007b, 2007c), procuraremos completar a bibliografia disponível sobre este assunto, atualizando o *corpus* textual destinado ao público infantojuvenil que, quer no âmbito literário quer no não ficcional, recria o acontecimento histórico mais marcante da História portuguesa contemporânea. O acesso a obras dos anos 70, bem como a republicação, com novas ilustrações, de alguns textos já conhecidos permitem novas análises e uma compreensão mais alargada do percurso que o tema tem conhecido nos últimos anos. Refira-se que o estudo da presença deste tema na LIJ conheceu tratamento inicial num artigo de José António Gomes (2001), sendo posteriormente alvo de uma tese de mestrado (Figueiredo, 2007). A indiscutível relevância do tema, a sua presença nos currículos

escolares desde o 1º ciclo do Ensino Básico e a celebração anual da efeméride na sociedade e nas escolas, incluindo o ensino pré-escolar, renovam o interesse por esta questão, a que se soma a necessidade anual de atualização das bibliografias disponíveis ou do enriquecimento dos catálogos, nomeadamente os das bibliotecas escolares.

A celebração de datas redondas, como já acontecera nos 20 e 25 anos do evento, e se repetiu, em 2014, com os 40 anos, foi pretexto para várias edições e reedições de publicações destinadas a crianças e a jovens que tentaremos analisar. Deste modo, recuperamos aqui as nossas reflexões anteriores, procedendo a uma reorganização das mesmas tendo em conta as alterações entretanto verificadas. Não incluímos o universo da literatura juvenil nesta análise atendendo a que o mesmo não conheceu desenvolvimentos depois das edições de *L. A. & Cª no meio da revolução* (1996), de Maria Mata (ilustrações de Susana Oliveira); *O Caso da Rua Jau* (1999), de Mário Castrim e *Vinte cinco a sete vozes*, de Alice Vieira (1999), ficando patente a ausência de novas revisitações destinadas ao universo juvenil.

Por razões várias, nem todas do âmbito literário, o tema da Revolução de Abril tem proporcionado um número significativo e crescente de revisitações. Os textos literários, predominantemente narrativos, que tratam o tema combinam e articulam uma funcionalidade pedagógica (mais ou menos assumida), ligada à divulgação do acontecimento histórico e à sua perpetuação na memória dos leitores mais jovens, com outra estética, procedendo, deste modo, à sua recriação literária, aproveitando o seu cariz simbólico e, até, as suas virtualidades poéticas. A intervenção política e/ou cívica ativa de alguns dos autores poderá também explicar as opções temáticas realizadas, assim como a frequência elevada do tema na produção de autores específicos, como José Jorge Letria, por exemplo.

Em termos de tendências da edição contemporânea sobre o tema, verifica-se uma concentração de edições em anos de celebração de datas redondas, como aconteceu em 1999, por exemplo, um predomínio dos textos narrativos e a valorização dos antecedentes da Revolução, com ênfase na descrição das condições de vida durante e Ditadura, nomeadamente em termos políticos e sociais, mas também económicos e escolares, por exemplo, com referências claras à pobreza, à emigração, à Guerra Colonial, à censura, mas também à organização das escolas, à separação dos sexos e aos códigos de vestuário impostos aos estudantes, sobretudo às raparigas. As obras revelam igualmente um esforço de aproximação histórica, pelo estabelecimento de comparações e pela procura de afinidades com as realidades recriadas, mas também pelo recurso a imagens que representam os cenários e os seus protagonistas em situações reconhecíveis, promovendo a identificação dos leitores com um universo temporalmente cada vez mais distante. Também é evidente a valorização dos antecedentes da Revolução, nomeadamente a descrição da época da Ditadura, em

detrimento das suas consequências. Nesta medida, os relatos terminam praticamente todos no dia 25 de Abril ou nos dias imediatamente subsequentes, narrados em clima de festa e de euforia popular. Alguns autores não escapam ao registo nostálgico, às vezes mesmo melancólico, em relação a esses dias intensamente vividos, sobretudo quando comparados com a realidade presente, de alguma forma dissonante com esse espírito inicial.

Pelos limites desta abordagem, e pela reflexão anterior já realizada e publicada, abstenemo-nos aqui de uma contextualização de cariz teorizante sobre o tratamento dos temas históricos na LIJ, mas também sobre a questão da intervenção social e política, ainda que as referiremos pontualmente nas análises. Sobre a questão da identidade e da alteridade, também em termos históricos, somos devedores das reflexões e das análises de Blockeel¹ (2001).

2. ANÁLISE DA PRODUÇÃO EDITORIAL PARA A INFÂNCIA SOBRE A REVOLUÇÃO DE ABRIL

Abrangendo diferentes registos e géneros, a oferta em termos editoriais tem conhecido um crescimento significativo, sobretudo à medida do afastamento temporal dos eventos revisitados.

2.1. TEXTOS DE NÃO FICÇÃO

No âmbito da não ficção, o surgimento de várias propostas parece ter alguma relação com os currículos escolares e com o tratamento que o tema tem conhecido na escola, desde o 1º ciclo do Ensino Básico.

As coleções de divulgação da História de Portugal para o universo infantil, como os títulos de Paula Cardoso Almeida (com ilustrações de Carla Nazareth), integrados na coleção “História de Portugal”, *Anos de Ditadura – Salazar* (2007), *A Luta pelas Colónias – Guerra do Ultramar* (2008a) e *25 de Abril – Revolução dos Cravos* (2008b), respetivamente sobre a Ditadura de Salazar, a Guerra Colonial e o 25 de Abril, procuram ser fieis ao discurso histórico sem deixarem de ser acessíveis a leitores muito jovens, promovendo, quer através dos textos, quer das ilustrações que os acompanham, uma compreensão dos acontecimentos baseada na sua contextualização, apresentando sequências de causas e efeitos que estes três volumes, lidos em sequência, ilustram de forma muito clara. Assim, a narrativa da

¹ Da mesma autora, e sobre a literatura infantil portuguesa colonial e pós-colonial, ver Blockeel, 1996.

Revolução de Abril surge como consequência quase natural de várias décadas de opressão, censura, pobreza e guerra narradas nos volumes anteriores. A ilustradora recupera as imagens simbólicas de cada momento, optando, por exemplo, pelo uso do preto e branco para a narrativa da ditadura e pela explosão da cor vermelha no volume sobre o 25 de Abril, procedendo a uma recriação visual que ajuda também na interpretação e compreensão dos fenómenos. Estes não se reduzem a listagens de factos ordenados, mas incluem contextualizações e explicações que permitem compreendê-los de forma enquadrada.

Outras publicações de cariz documental, de destinatário amplo, podendo incluir leitores mais jovens, mas também mediadores de leitura, funcionando como instrumentos relevantes de consulta e até de seleção de materiais, são *O 25 de Abril contado às crianças... e aos outros* (1999), de José Jorge Letria (com ilustrações de João Abel Manta), *25 de Abril – Outras Maneiras de Contar a Mesma História* (2000), de Maria Manuela Cruzeiro e Augusto José Monteiro (com ilustrações de Marta Rego) e *25 de Abril* (2004), de Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada (com ilustrações de Sofia Cavalheiro).

Obviamente distintas, estas publicações têm em comum, para além do cariz documental e da intenção divulgativa e informativa, a seleção de informação relevante para o público a que se destinam, procurando, por via do testemunho pessoal, muitas vezes em primeira pessoa, dar conta do significado da data e das reais consequências que teve na vida das pessoas e do país. As analogias com o presente e as vivências contemporâneas convidam à construção de uma imagem vívida, tão próxima e significativa quanto possível, de acontecimento histórico que se quer mais do que uma data ou um feriado no calendário.

Veja-se, ainda, o caso da republicação, com novo grafismo, da biografia de Salgueiro Maia, da autoria de José Jorge Letria. Com ilustrações de António Jorge Gonçalves e nova chancela da Pato Lógico, *Salgueiro Maia - O Homem Do Tanque Da Liberdade* (2014) conhece uma outra vida, para a qual contribuem certamente as ilustrações. Estas recuperam imagens emblemáticas do capitão de Abril do dia da Revolução, nomeadamente as da autoria de Alfredo Cunha, alvo de um trabalho gráfico que não lhes retira a sua poeticidade original, mas que sublinha o seu impacto, tornando-as metáforas incontornáveis do próprio acontecimento, com o qual se confundem. A opção por uma paleta de cores limitada colabora na expressividade da publicação, um registo histórico, mas também comemorativo, de um dos seus principais agentes.

Pela novidade e atualidade, merece-nos aqui algum destaque a publicação do volume *Livro Livre* (2014), de Francisco Bairrão Ruivo, com ilustrações de Danuta Wojciechowska e Joana Paz. De pequeno formato, funcionando quase como um “caderno” de memórias ou recordações, esta publicação destaca-se pelo seu caráter interativo, apelando direta e assi-

duamente à participação dos seus leitores, convidados a colorir a capa, a preencher espaços com informações recolhidas na família e na escola, a realizar várias atividades, tornando-se, assim, leitores ativos ou mesmo coautores do livro. O título sugere desde logo esta dimensão, apelando para a criação de imagens e de memórias pessoais do acontecimento histórico, aquelas que se tornam, por essa via, decisivas e marcantes. Assim, o livro parece sobretudo pretender guiar o leitor nessa descoberta pessoal do 25 de Abril, funcionando como um roteiro de leitura do qual não estão ausentes os acontecimentos historicamente mais marcantes em apontamentos e textos breves. Destaque-se o registo acessível e o tom coloquial do texto, em diálogo com o leitor, mas também a qualidade das ilustrações e dos grafismos, muito contidos do ponto de vista cromático, mas igualmente muito expressivos.

2.2. TEXTOS POÉTICOS

Género menos frequente no tratamento do tema, o texto poético conhece, contudo, algumas exceções relevantes, pela qualidade assinalável das propostas. É o caso de uma publicação que veio a lume ainda na década de 70, intitulada *Bichos de Abril*, de Carlos Pinhão, com desenhos de João Martins (Caminho, 1977). Trata-se de um livro que não esconde a proximidade ao movimento revolucionário, repetindo palavras de ordem e insistindo nos valores-chave da Liberdade, Democracia, Justiça, Igualdade. Na publicação, imbuída de um certo espírito revolucionário, é possível ler a alegria e a euforia da experiência de liberdade, momento inaugural e cheio de esperanças e expectativas, mas também a crítica ao passado e aos valores que o marcaram. De destinatário amplo, assim como passível de leituras plurais, a coletânea poética não passa ao lado de um discurso satírico, ironizando e gracejando. Os poemas de Carlos Pinhão distinguem-se ainda pela graça e sentido de humor, tirando partido das analogias com os animais convocados em cada texto, como o exemplo seguinte ilustra:

Elefante de Abril

A Revolução
teve uma flor
– o cravo.
Não teve um animal
e, como tal,
proponho o elefante

tão paciente e sofredor
durante tanto ano
mas quando a paciência se esgotou
foi coisa de ser ver
violento
eficaz
empolgante.
Depois voltou a ser
lento
bom rapaz
algo distante.
Mas, atenção
nunca se viu a correr um elefante!

Em 2006, José Jorge Letria, em coautoria com Manuel Freire e Vitorino, e com ilustrações de André Letria, assina um livro-cd – *Abril, Abrilzinho* –, que revisita, sobretudo através da poesia e da música, o universo da Revolução de Abril, as suas personagens e alguns dos seus motivos mais representativos e simbólicos. O facto de os poemas serem musicados e cantados por autores/cantores de intervenção imprime cor local ao livro, aproximando-o do espírito (porque da sonoridade e dos ritmos) do 25 de Abril de 1974. No caso desta edição, e para além dos próprios textos poéticos, revelam-se particularmente interessantes os paratextos de apresentação da obra, uma vez que refletem sobre a pertinência da temática e sobre os objetivos da edição, contextualizando-a (e procedendo à sua justificação) no panorama contemporâneo. Assinado por José Jorge Letria, Manuel Freire e Vitorino, o paratexto introdutor, intitulado “Abril x3”, reivindica o cariz pedagógico da edição e assume-a como uma partilha de memórias (e de utopias) entre os autores e as gerações mais novas ou, nas palavras dos autores, “a malta que hoje aprende o que é o mundo”. Neste sentido, *Abril, Abrilzinho* apresenta-se como “um disco contra o esquecimento que esvazia as memórias e as deixam perigosamente desertas de referências e de valores”. Resultado de uma nostalgia que não enjeitam e de uma emoção muito forte, a obra pretende unir gerações em torno de ideais sem idade.

No âmbito da prosa poética, destaque-se ainda o volume *Lembro-me* (Lápis de Memórias, 2013), de João Pedro Mésseder e grafismo de Ana Biscaia, pela originalidade da proposta literária, uma espécie de manifesto pela memória dos tempos anteriores ao 25 de Abril, enumerando, um a um, todos os constrangimentos sentidos pelo sujeito poético,

muito jovem à data dos acontecimentos recordados. É relevante que o sujeito poético se centre no universo quotidiano, com exemplos do dia a dia das vivências dos jovens durante a Ditadura, referindo-se, por exemplo, ao medo da incorporação militar, às perseguições aos estudantes, mas também à pobreza e às limitações económicas, à censura e às formas de a contornar, assim como à alegria da liberdade finalmente conquistada. Exercício de memória e de denúncia, esta enumeração de lembranças é acompanhada por imagens e documentos factuais, tratados graficamente com qualidade.

Finalmente, no âmbito das coletâneas poéticas, destaque-se o volume *25 de Abril 40 anos de Liberdade* (Tropelias & Companhia, 2014), realizado em coautoria por João Manuel Ribeiro, José António Franco e Maria da Conceição Vicente, autores que, nos últimos anos, têm publicado individualmente vários livros de poesia para crianças. A publicação, que integra fotografias a preto e branco de António Rilo, destaca-se pela variedade das propostas poéticas que, à distância do tempo, recriam e recuperam as memórias e as imagens do 25 de Abril. De gerações distintas, com experiências de vida igualmente diferenciadas, os autores reescrevem poeticamente a Revolução de Abril, mas também Portugal e a sua identidade, conferindo-lhe imagens muito particulares e distintas que, de algum modo, poderão alargar e enriquecer o imaginário dos leitores contemporâneos.

2.3. NARRATIVA PARA A INFÂNCIA

Logo a seguir à Revolução de Abril, Sidónio Muralha editou *O Companheiro* (Futura, 1975), com ilustrações de Avelino do Carmo. A narrativa distingue-se por um certo tom panfletário e exaltante, às vezes um pouco doutrinário quando olhado de um ponto de vista distanciado, mas muito comum a muitas publicações da época, sem deixar de manter a qualidade de escrita do autor, numa narrativa que procura explicar o 25 de Abril, referindo-se ao Senhor Fascista como alguém que usava os seus polícias e pides para perseguir todos os que se lhe opusessem. Hoje a publicação terá provavelmente mais interesse documental e histórico do que literário, mas não deixa de inaugurar a presença do tema da LIJ, merecendo, por isso, uma referência especial.

Já nos anos 80, com reedição posterior individualizada, é publicado o conto “História de uma flor”, de Matilde Rosa Araújo, integrado na coletânea *A Velha do Bosque* (Livros Horizonte, 1983). Trata-se de uma narrativa que metforiza a liberdade, transformada em flor entaipada e escondida, que depois é iluminada, numa madrugada primaveril, que coincide com a Revolução de Abril, implicitamente referida: “Nas ruas havia flores vermelhas por toda a parte. No peito das mulheres, dos homens, nos olhos das crianças, nos canos

silenciosos das espingardas”. Mais do que um final feliz, a chegada da liberdade representa o início de um caminho a ser trilhado por todos, tal como sugere a estrutura aberta da narrativa: “E continuaram a caminhar”. Na edição autónoma que a Caminho faz do conto, datada de 2008, ganham especial destaque as expressivas ilustrações de João Fazenda, para além do formato e até dos elementos paratextuais de uma edição de elevada qualidade. As imagens não só exploram as variações de luz e cor, centrais na narrativa, como sublinham as variações de registo do texto, mostrando a passagem da ditadura para a democracia de forma clara, complementando a leitura do texto.

Em 1994, nas celebrações dos 20 anos da Revolução, merecem destaque duas publicações: *O Tesouro*, de Manuel António Pina (com ilustrações de Manuela Bacelar), e *No dia em que as flores mudaram de sítio*, de José Vaz (com ilustrações de Agostinho Santos). Esta última, editada pela Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia, é difícil de encontrar, mesmo em bibliotecas. Trata-se de uma narrativa de cariz metafórico que conta a história de um país estranho e triste, cujo povo, dominado pela tristeza, e apesar de ansiar pela alteração da realidade envolvente, se mantinha passivo e expectante, fruto do medo que tudo parecia dominar. O aparecimento de um cavaleiro e do seu cavalo de vento, bem como a mensagem por ele trazida, resulta na alteração dos comportamentos das pessoas que, finalmente, gritam pela liberdade, provocando a queda dos donos do país e a conquista da alegria. A narrativa de Manuel António Pina, que já tivemos oportunidade de analisar (Ramos, 2013) nas suas distintas edições (1994, 2005, 2013), incluindo a sua adaptação ao cinema (*Se a memória existe*, João Botelho, 1999), tornou-se o texto mais lido e mais conhecido sobre o 25 de Abril, sendo todos os anos divulgado nas escolas e nas bibliotecas de todo o país. O segredo do seu sucesso residirá, em nossa opinião, no registo acessível e coloquial que domina o texto, narrado como quem conta em voz alta, dirigindo-se de forma direta aos leitores/ouvintes. Estes identificam-se com os habitantes do país das pessoas tristes, limitados nas suas liberdades fundamentais, em resultado das comparações e das analogias com a realidade presente.

Merece, ainda, destaque, a coletânea de dois contos de Arsénio Mota, intitulada *A bandeira escondida* (Campo das Letras, 1998) que inclui, para além do conto que lhe serve de título, também um outro, “História sem país para acontecer”. Este volume distingue-se também pela componente visual, trabalhada por Fernando Lanhas a partir de diferentes imagens mais ou menos conhecidas. A primeira narrativa recria, sem alusões muito precisas, o universo e o ambiente opressivo do Estado Novo, dando conta da resistência que caracteriza a família do pequeno protagonista. A sua curiosidade infantil por uma bandeira proibida que o pai guardava secretamente em casa vai conduzi-lo a retirar o precioso objeto

do local habitual às escondidas do pai. Contudo, este gesto acaba por salvar a família quando a polícia política os persegue. O segundo texto, tendo a infância como tema principal, apela à aprendizagem como melhor forma de liberdade. Com algumas interferências do domínio do maravilhoso, este é claramente um texto que apela a uma leitura mais profunda.

Como já antecipamos, as celebrações dos 25 anos da Revolução de Abril deram origem a um número significativo de publicações cuja análise já foi sendo feita em estudos anteriores.

Assim, destacamos agora as publicações mais recentes, procedendo, desta forma, à atualização do *corpus* de textos literários que revisita a Revolução de Abril de 1974. É o caso de *Romance do 25 de Abril* (Caminho, 2007), de João Pedro Mésseder, com ilustrações de Alex Gozblau. A obra constitui uma original revisitação poética da Revolução, com particular relevo para os seus antecedentes, recriando a vida em Portugal durante a vigência do Estado Novo. Sublinha, ainda, as consequências trágicas desse longo período da História portuguesa contemporânea, como as perseguições políticas, a censura e a Guerra Colonial. A opção pelo “romance”, enquanto género da literatura tradicional, permite a valorização da memória e do cariz épico da história narrada, destinada a perdurar pela transmissão de geração em geração. Com ilustrações de Alex Gozblau, o livro ganha uma especial identidade, vendo sublinhada a dimensão referencial da narrativa através da representação iconográfica fiel das figuras cimeiras do Estado Novo. As ilustrações sugerem de forma particularmente intensa a transição entre a Ditadura e a Liberdade, servindo-se da variação cromática com evidentes intenções semânticas e pragmáticas. Vejam-se, como elementos claramente significativos do ponto de vista visual, a articulação entre a capa e a contracapa, assim como a leitura das guardas iniciais e finais, retomando alguns dos motivos simbólicos mais significativos da época revisitada.

7x25 Histórias da Liberdade (Gailivro, 2008), de Margarida Fonseca Santos e ilustrações de Inês do Carmo, agrupa sete pequenas narrativas que, de forma original, dão voz a objetos inanimados, íntima e simbolicamente ligados à Revolução de Abril, ou ao tempo que a antecede. Percecionados a partir de pontos de vista originais, alguns relativamente exíguos mas todos profundamente simbólicos, os acontecimentos da Revolução de Abril são recriados de forma acessível, com recurso a elementos reconhecíveis do quotidiano e, desta forma, tornados próximos do universo infantil.

Assim, a história daqueles dias tão especiais é perspectivada, sucessivamente, pelo semáforo vermelho que, durante alguns minutos, susteve a marcha da revolução e a caminhada dos militares até ao Largo do Carmo; pela porta do estúdio da Emissora Nacional, onde foi lido, por Joaquim Furtado, aos microfones daquela estação, a primeira comunicação oficial ao país por parte do Movimento das Forças Armadas; pela espingarda dos soldados que,

em vez de disparar tiros, se encheu, simbolicamente, de cravos e de esperança; pelo lápis azul da Censura que, depois da Revolução, perde a sua função original e passa a colorir desenhos inocentes de uma criança; pelo documento incriminatório, metonímia da perseguição da PIDE que, deixando de haver delito de opinião, deixa de fazer sentido e perde o seu poder; pelo megafone com que os jovens são chamados a participar e a intervir ativamente nas decisões políticas do seu país; e pelo portão de Caxias, uma das mais terríveis prisões políticas em solo português, aberto alguns dias depois da Revolução, conduzindo os presos para a Liberdade.

Em 2009, foi republicado pela Junta de Freguesia de Portimão, um texto de Álvaro Cunhal, datado de junho de 2000, e publicado na revista *Visão* a 10 de novembro de 2005, por ocasião do aniversário do líder histórico do PCP. *Os Barrigas e os Magriços*, integra ilustrações dos alunos do pré-escolar das escolas do Fojo, Quinta do Amparo e Major David Neto, de Portimão, numa edição de capa mole e de circulação restrita, aguardando ainda uma edição comercial de âmbito nacional.

A história narra os antecedentes que explicam a Revolução de Abril de 1974, socorrendo-se de uma parábola e explicitando, de forma muito clara e visual, a oposição entre os exploradores e os explorados. O narrador, que comenta e intervém da história, justifica a necessidade da mudança com o cansaço de anos e a exploração e sofrimento das classes operárias mais desfavorecidas. Interpela diretamente o narratário, incentivando-o a tomar partido ao lado dos “magriços” que, cansados da opressão e da fome, resolveram tomar o poder nas mãos e criar uma sociedade mais justa e mais solidária. Esta edição da Junta de Freguesia de Portimão preenche uma lacuna importante, uma vez que o texto de Álvaro Cunhal nunca tinha sido editado em formato livro. Ilustrado por crianças do pré-escolar, o texto encontra-se finalmente com os leitores a quem se destinava e é visto e recriado a partir dos seus olhares e das suas cores.

Do cinzento ao azul celeste (Calendário, 2009), de Ana Oliveira e ilustrações de Helena Veloso, constitui uma revisitação literária da Revolução de Abril, que coloca o acento tónico na questão da educação, destacando o acesso generalizado ao ensino, à escola e à formação como uma das mais significativas conquistas de Abril. Assim, o protagonista que, inicialmente, vai à escola contrariado é confrontado com uma realidade que desconhece, a dos seus pais e avós privados de aceder livremente àquela instituição. Além disso, apresenta o analfabetismo, o trabalho infantil e a censura como estratégias conscientemente levadas a cabo por um governo que pretendia, deste modo, controlar as pessoas, inibi-las de pensar e de questionar o mundo em que viviam. O retrato de Portugal submetido à Ditadura é traçado com pormenor e é notório o apelo à valorização da Liberdade e das suas

consequências. As ilustrações, coloridas e expressivas, procuram dar conta das realidades históricas retratadas, cristalizando motivos e imagens marcantes dos dois momentos que o livro recria.

3. CONCLUSÕES

A bibliografia disponível foi ainda enriquecida, nos últimos anos, com outras edições, como *A Flor de Abril* (Booklândia, 2011), de Pedro Olavo Simões e ilustrações de Abigail Ascenso; *25 de abril* (Verbo, 2014), de Alexandre Honrado e ilustrações de Maria João Lopes; ou *A escola e os cravos* (Teodolito, 2014), de Luísa Lobão Moniz e ilustrações de Rita Moniz, ilustrando o interesse continuado pelo tema, quase sempre percecionado a partir dos antecedentes e recriando-o metafóricamente ou alegoricamente.

Nas aproximações ao tema, a ficção narrativa domina, ainda que algumas propostas literárias incluam uma vertente factual ou referencial com algum peso. Outras optam pela metáfora ou alegoria da Revolução, falando sempre em sentido figurado das oposições entre a Liberdade e a Ditadura. As melhores obras são as que superam, de diferentes formas, a relação com a História, com o factual e com o discurso mais doutrinário ou educativo, abstendo-se de atuar ideologicamente sobre os seus leitores preferenciais.

O interesse por este tema é, como cremos que ficou mais uma vez patente, superior a outros momentos históricos, mais ou menos distantes, da História portuguesa. Possivelmente, este interesse deve-se ao facto de ser o acontecimento mais marcante da contemporaneidade, vivido de forma intensa pelos próprios autores, às vezes em primeira pessoa. Os valores em causa, nomeadamente a Liberdade e a Democracia, justificam o seu elogio. A revolução de Abril tem algumas características que a tornam única, quase irrepetível, o que marcou de forma indelével várias gerações de portugueses, por ter sido vivida em alegria e euforia popular e partilhada. A vontade de comunicar esse espírito está presente na redação/publicação de muitos textos, uma espécie de testemunhos às gerações mais novas.

O empenhamento político mais ou menos ativo de alguns dos escritores, como José Jorge Letria ou João Pedro Mésseder, por exemplo, mas também cívico de outros, Sidónio Muralha, Manuel António Pina, Álvaro Magalhães, José Fanha, António Torrado, entre outros, ajudará igualmente a explicar a recorrência que o tema conhece. A este propósito, e na qualidade de estudioso do fenómeno, José António Gomes referia as motivações dos autores na revisitação do tema: “por dever de historiadores, de divulgadores e de pedagogos, é certo que o fazem também por dever de memória, para projectar no presente e no futuro as lições do passado e para afirmar essa memória, perante os branqueadores da

ditadura salazarista e marcelista. Nobre é o desígnio dos autores, porque assim procedem a pensar nos mais jovens” (Gomes, 2001, p. 9).

O mesmo acontece em relação a editoras com programas editoriais muito particulares, como a Caminho (há anos atrás!) ou a Campo das Letras, responsáveis por um número considerável de obras de referência nesta área.

Em comum, os textos têm a preocupação de articular uma dimensão estética, associada quer às qualidades artísticas do texto e das imagens que integram os livros, com outra, explícita ou implicitamente pedagógica, conotada com a divulgação, junto das gerações mais novas, de um acontecimento determinante da História recente de Portugal.

As questões cromáticas, visíveis nas ilustrações (mas também nos textos e até nos títulos das narrativas) têm um impacto decisivo na leitura, permitindo associações semânticas relevantes entre as cores e os valores dominantes.

A combinação equilibrada destas duas vertentes resulta em publicações que, sem negarem o contexto histórico e ideológico que as suporta, apelam a um olhar mais atento sobre o real, sobre a importância da Liberdade e da Democracia nos pequenos gestos do quotidiano – em casa, na escola, na família – ao mesmo tempo estimulam a curiosidade dos pequenos leitores sobre o passado e sobre o seu significado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Obras para a infância:

- Almeida, P. C. (2007). *Anos de Ditadura - Salazar*. Matosinhos: QuidNovi (ilustrações de Carla Nazareth).
- Almeida, P. C. (2008a). *A Luta pelas Colónias – Guerra do Ultramar*. Matosinhos: QuidNovi (ilustrações de Carla Nazareth).
- Almeida, P. C. (2008b). *25 de Abril – Revolução dos Cravos*. Matosinhos: QuidNovi (ilustrações de Carla Nazareth).
- Araújo, M. R. (1983). História de uma flor. *A Velha do Bosque* (pp. 21-31). Lisboa: Livros Horizonte (ilustrações de Ana Leão).
- Araújo, M. R. (2008). *História de uma flor*. Lisboa: Caminho (ilustrações de João Fazenda).
- Cruzeiro, M. M. & Monteiro, A. J. (2000). *25 de Abril – Outras Maneiras de Contar a Mesma História*. Lisboa: Editorial Notícias – Casa das Letras (ilustrações de Marta Rego).
- Cunhal, A. (2005, 10 de Novembro). *Os barrigas e os magriços* (título posterior, datado originalmente de 7 de junho de 2000). *Visão*, 662, 66-67.
- Cunhal, A. (2009). *Os barrigas e os magriços*. Portimão: Junta de Freguesia de Portimão (ilustrações dos alunos do pré-escolar das escolas do Fojo, Quinta do Amparo e Major David Neto).
- Letria, J. J. (1999). *O 25 de Abril contado às crianças... e aos outros*. Lisboa: Terramar Editores (ilustrações de João Abel Manta).

- Letria, J. J. (2014). *Salgueiro Maia - O Homem Do Tanque Da Liberdade*. Lisboa: Pato Lógico (ilustrações de António Jorge Gonçalves).
- Letria, J. J.; Freire, M.; Vitorino (2006). *Abril, Abrilzinho* [livro CD]. Lisboa: Praça das Flores/Público (ilustrações de André Letria).
- Magalhães, A. M. & Alçada, I. (2004). *25 de Abril*. Lisboa: Assembleia da República (ilustrações de Sofia Cavalheiro).
- Mésseder, J. P. (2007). *Romance do 25 de Abril em prosa rimada e versificada*. Lisboa: Caminho (ilustrações de Alex Gozblau).
- Mota, A. (1998). *A Bandeira Escondida*. Porto: Campo das Letras (ilustrações de Fernando Lanhas).
- Muralha, S. (1975). *O Companheiro*. Futura (ilustrações de Avelino do Carmo).
- Oliveira, A. (2009). *Do Cinzento ao Azul Celeste*. s/ local: Calendário (ilustrações de Helena Veloso).
- Pina, M. A. (1994). *O Tesouro*. Porto: APRIL / Associação 25 de Abril (ilustrações de Manuela Bacelar).
- Pina, M. A. (2005). *O Tesouro*. Porto: Campo das Letras (ilustrações de Evelina Oliveira).
- Pina, M. A. (2013). *O Tesouro*. Lisboa: Assírio & Alvim (ilustrações de Pedro Proença).
- Pinhão, C. (1977). *Bichos de Abril*. Lisboa: Editorial Caminho (ilustrações de João Martins).
- Ribeiro, J. M.; Franco, J. A.; Vicente, M. da C. (2014). *25 de Abril 40 anos de Liberdade*. Porto: Tropelias & Companhia (fotografias de António Rilo).
- Ruivo, F. B. (2014). *Livro Livre*. Lisboa: Lupa Design (ilustrações de Danuta Wojciechowska e Joana Paz).
- Santos, M. F. (2008). *7 x 25 Histórias da Liberdade*. Gaia: Gailivro (ilustração de Inês do Carmo).
- Estudos:**
- Blockeel, F. (1996). Colonial and Postcolonial Portuguese Children's Literature. *Bookbird*, 34 (4), 12-17.
- Blockeel, F. (2001). *Literatura Juvenil Portuguesa Contemporânea: Identidade e Alteridade*. Lisboa: Caminho.
- Figueiredo, M. A. da F. P. (2007). *O 25 de Abril na Literatura para Crianças e Jovens*. Lisboa: Universidade Aberta [Dissertação de Mestrado em Estudos Interdisciplinares].
- Gomes, J. A. (2001). Os livros para crianças e jovens e o 25 de Abril. *Malasartes [Cadernos de Literatura para a Infância e Juventude]*, 5, 9-10.
- Ramos, A. M. (2007a). Memórias da Revolução de Abril na Literatura para a Infância: diferentes formas de contar a mesma história. In http://195.23.38.178/casadaleitura/portalbeta/bo/abz_indices/000693_ot_am_25a_a.pdf
- Ramos, A. M. (2007b). O 25 de ABRIL contado e recontado. In http://195.23.38.178/casadaleitura/portalbeta/bo/abz_indices/000921_ABR.pdf
- Ramos, A. M. (2007c). REVOLUÇÃO DE ABRIL e a Literatura para a Infância. In http://195.23.38.178/casadaleitura/portalbeta/bo/abz_indices/000914_REV.pdf
- Ramos, A. M. (2008). A literatura para a infância e a construção da memória – uma leitura de Romance do 25 de Abril em prosa rimada e versificada, de João Pedro Mésseder. In Debus, E. S. D. (Ed.), *A literatura infantil e Juvenil de Língua Portuguesa: leituras do Brasil e d'além mar* (pp. 111-118). Blumenu: Nova Letra.
- Ramos, A. M. (2008). Memórias da Revolução de Abril na Literatura para a Infância: diferentes formas de contar a mesma história. In Viana, F. L., Coquet, E., Martins, M. (Eds.), *Atas do 6º Encontro Nacional (4º Internacional) de Investigação em Leitura, Literatura Infantil e Ilustração (Braga: Universidade do Minho, outubro 2006)* (pp. 130-140). Braga: Universidade do Minho.

- Ramos, A. M. (2009). Literatura para a infância portuguesa contemporânea – leituras da História da Revolução de Abril. *Boletín Galego de Literatura*, 39-40, 269-278.
- Ramos, A. M. (2010). Recent Portuguese Children's Literature: From Dictatorship to Freedom. *Bookbird: A Journal of International Children's Literature*, 48 (4), 28-34.
- Ramos, A. M. (2013). Sobre as ilustrações de *O Tesouro*, de Manuel António Pina, ou diferentes formas de recriar a liberdade. In Silva, S. R. & Ribeiro, J. M. (Eds.), *Coisas que não há: sobre a escrita de Manuel António Pina* (pp. 19-30). Porto: Tropelias & Companhia.

RESUMO

Pretende-se, neste texto, proceder à atualização de reflexões anteriores proporcionadas pela análise da presença assídua do tema da Revolução de Abril de 1974 na produção editorial destinada a crianças. A celebração dos 40 anos do acontecimento histórico mais marcante do século XX em Portugal foi motivo impulsionador de várias edições e reedições que se vêm juntar a um corpus que não integra só textos literários e narrativos e que contempla diferentes objetivos e leituras possíveis.

ABSTRACT

It's our purpose, in this study, to upgrade and actualize previous analysis of the depiction of the Portuguese April Revolution of 1974 in the editorial production aimed at children. The celebration of the 40 years of the most significant historical event of the twentieth century in Portugal explains the increase of various editions and reprints that complete a wide corpus of fictional and non-fictional texts, contemplating different goals and readings.